Acta Scientiarum
http://periodicos.uem.br/ojs/acta
ISSN on-line: 1807-8656
Doi: 10.4025/actascihumansoc.v45i3.68803

Quem abre os caminhos na clínica etnopsicológica?

Fabio Scorsolini-Comin

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Avenida dos Bandeirantes, 3900, 14040-902, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br

RESUMO. Este estudo tem por objetivo refletir sobre as condições nativas para a construção da clínica etnopsicológica em um contexto religioso. Trata-se de um estudo de caso qualitativo desenvolvido em um terreiro de umbanda localizado na cidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo. Neste terreiro, a partir de 2013, foi composto um espaço para a oferta de atendimentos psicoterápicos individuais a cargo de um psicoterapeuta que também realizava pesquisas sobre mediunidade nessa comunidade. Esses atendimentos passaram a ser organizados em função das demandas manifestadas por médiuns e frequentadores do terreiro. Trabalha-se, no presente relato, com a categoria de abertura de caminhos, pressupondo que determinadas condições permitiram a construção e a consolidação da oferta de apoio psicológico utilizando a estrutura do terreiro, serviço este voltado a médiuns e a frequentadores desse espaço ritual. Entre essas condições, destaca-se o incentivo e atuação direta do pai de santo, divulgando a existência do serviço e promovendo encaminhamentos informais para os atendimentos a partir do seu contato próximo com a comunidade, além das menções, trazidas pelos clientes atendidos, a respeito da permissão das entidades daquele local sagrado, consentindo com o apoio psicológico lá realizado. Essas condições são tensionadas como categorias nativas, pressupondo a necessidade de escutá-las e endereçá-las no acontecer da clínica etnopsicológica.

Palavras-chave: psicoterapia; umbanda; etnopsicologia; saúde mental.

Who opens the paths in the ethnopsychological clinic?

ABSTRACT. This study aims to reflect on the native conditions for the construction of the ethnopsychological clinic in a religious context. This is a qualitative case study developed in a terreiro located in the city of Ribeirão Preto, state of São Paulo. It was in this terreiro that, from 2013, a space was created for the provision of individual psychotherapeutic care by a psychotherapist who also conducted research on mediumship in this community. These services began to be organized according to the demands expressed by mediums and regulars of the terreiro. In this report, we work with the category of opening of paths, assuming that certain conditions allowed the construction and consolidation of the offer of psychological support using the structure of the terreiro and aimed at mediums and regulars of this ritual space. Among these conditions, the encouragement and direct action of the father of saint stands out, publicizing the existence of the service and promoting informal referrals for the services from his close contact with the community, in addition to the mentions, brought by the assisted clients, regarding the permission of the entities of that sacred place, consenting with the psychological support carried out there. These conditions are tensioned as native categories, presupposing the need to listen and address them in the happening of the ethnopsychological clinic.

Keywords: psychotherapy; Umbanda; ethnopsychology; mental health.

Received on July 4, 2023.
Accepted on September 30, 2023.

Introdução

A clínica etnopsicológica é um conceito que vem sendo cada vez mais evocado na contemporaneidade, sobretudo considerando a necessidade de que as intervenções psicológicas realizadas em comunidades possam ser orientadas não a partir de critérios produzidos fora delas, mas considerando uma escuta refinada acerca dos espaços em que se pretende intervir, das pessoas que corporificam esse cenário e das etnoteorias que ali circulam. Ao pensarmos o conceito de saúde-doença-cuidado em um dado contexto, por exemplo, é fundamental acessar o modo como essa noção é corporificada nesse território, quais inteligibilidades são produzidas, quais comportamentos e práticas são validados, evitando o emprego de nomenclaturas e lógicas

trazidas de fora, do pesquisador, dos profissionais de saúde, dos modelos externos e produzidos a partir de distintas balizas, sob o risco de incorrermos em uma postura etnocêntrica (Laplantine, 1994).

Assim, uma clínica etnopsicológica, *a priori*, não pode ser conceituada 'de fora', mas, justamente, 'de dentro', não apenas em respeito às etnoteorias circulantes, mas considerando que esses conhecimentos tradicionais são integrados e acompanhados por referências complexas que precisamos acessar quando quisermos, de fato, entrar em contato com esse outro. Decorrente desse exemplo, uma intervenção psicológica realizada em um terreiro e orientada pelo fazer etnopsicológico precisa estar não apenas atenta às etnoteorias existentes e, porventura, distintas daquelas trazidas pelo psicoterapeuta, como também permitindo uma escuta integral desses saberes produzidos e partilhados por quem, de fato, compõe esse espaço, por quem corporifica esse território material e imaterial (Scorsolini-Comin, 2023a).

A clínica etnopsicológica também se compromete com um fazer psicológico de ruptura em relação aos saberes classicamente consolidados na Psicologia Clínica e que, em sua maioria, respondem a uma lógica colonizadora e de forte inspiração em referenciais produzidos na Europa e nos Estados Unidos. A construção do *setting* e dos elementos abarcados por uma abordagem psicológica, nesse sentido, trazem em seu bojo uma concepção de sujeito, de tratamento e do que vem a ser o fazer do profissional de Psicologia e da psicoterapia que nem sempre dialogam com as necessidades dos mais variados públicos e dentro dos mais variados cenários em que essa escuta se faz necessária. A clínica etnopsicológica, desse modo, busca romper com essas construções, dando voz e corpo a saberes tradicionalmente excluídos de um fazer profissional em Psicologia, como as etnoteorias, as ancestralidades, religiosidades e espiritualidades, por exemplo (Scorsolini-Comin, 2017).

É o que se dá na experiência retratada no presente estudo, o que pressupõe não o desenvolvimento de uma clínica previamente organizada e estruturada a partir de inteligibilidades externas e, até mesmo, contrastantes com as existentes na comunidade, mas a possibilidade de um fazer que se permita ser composto juntamente com os sentidos disponíveis no território material e imaterial onde se pretende intervir. Isso equivale a dizer que a clínica etnopsicológica não deve estar comprometida com enquadres rígidos e com sistemáticas sustentadas nas ideias de replicabilidade e de produção de evidências, inspirados em lógicas positivistas e biomedicalizantes que remontam ao início da chamada Psicologia científica, mas em uma abertura para que esse enquadre emerja a partir das balizas de cada contexto de escuta.

Dentro desse pressuposto, a clínica etnopsicológica parece ser um fazer suficientemente adequado e poroso diante desse enquadre, permitindo uma integração desse contexto com os seus pressupostos de base. Este estudo tem por objetivo refletir sobre as condições nativas (imateriais/espirituais) para a construção da clínica etnopsicológica em um contexto religioso. Para que essa experiência possa ser compreendida, no entanto, é importante historicizar o contexto de produção desses atendimentos psicológicos em uma comunidade de terreiro.

E a psicologia entrou no terreiro

O título desta seção faz referência a uma das obras clássicas da Psicologia Hospitalar e da Saúde no contexto brasileiro: *E a Psicologia entrou no hospital* (Angerami, 2020). Como possíveis efeitos de sentido a partir desse enunciado, pode-se pensar na Psicologia como um saber externo que passa a integrar o espaço-hospital. Assim, a Psicologia não faria parte, originalmente, desse território, tendo que ser introduzida de algum modo. E é aí que passamos a falar, por exemplo, no campo da Psicologia Hospitalar e da Saúde. Essa metáfora será aqui problematizada ao substituirmos o hospital pelo terreiro. Isso porque, ao enunciarmos que a Psicologia entrou no terreiro, pressupomos um saber igualmente externo a esse campo. Se pensarmos em uma Psicologia americano-euro-centrada, fortemente colonizadora, essa acepção parece se sustentar. No entanto, ela é colocada em suspenso ao considerarmos as rupturas que acompanham a etnopsicologia. A etnopsicologia, desse modo, não se apresenta como um saber que deve ser introduzido, mas, justamente, evocado a partir do campo (Coelho, 2018; Scorsolini-Comin & Bairrão, 2023). Essa consideração será melhor explicitada ao longo do presente texto.

As intervenções aqui narradas assentam-se, primeiramente, na abertura da comunidade de terreiro à presença, à participação e às investigações conduzidas por pesquisadores e pesquisadoras com interesse na umbanda e nos fenômenos tradicionalmente experienciados nesse contexto ritual, como o transe de possessão e os atendimentos mediúnicos com espíritos incorporados por médiuns. O terreiro no qual foi realizado este estudo é a Tenda de Umbanda Oxalá e Yemanjá, localizado na cidade de Ribeirão Preto, estado

de São Paulo, também popularmente conhecido como terreiro do Pai Toninho. O terreiro situa-se em um bairro periférico e tradicional no qual também são identificados outros terreiros próximos, todos, de algum modo, ligados a esse pai de santo (Macedo, 2015).

Trata-se de um terreiro relativamente pequeno, existente há mais de 20 anos, que atende cerca de 200 pessoas por semana, em dois dias abertos ao público, segundas e sextas-feiras. Às segundas-feiras ocorrem as giras de pretos-velhos e as sextas-feiras são dedicadas aos caboclos e aos baianos, em esquema de revezamento, sendo a última sexta-feira do mês dedicada à gira de esquerda, com atendimentos mediúnicos com exus e pombagiras.

Há muitos anos, esse tem sido um espaço frequentado por pesquisadores, sobretudo da área de Psicologia, interessados nos fenômenos espirituais e na umbanda. O pai de santo sempre recebeu esses pesquisadores com entusiasmo, relacionando essa busca a uma legitimação do trabalho ali realizado, bem como do reconhecimento do que ele chama de 'ciência' em relação aos fenômenos espirituais. A postura do pai de santo sempre foi de abertura, convidando os pesquisadores para que pudessem acompanhar os rituais, para que participassem das consultas, dando liberdade para que circulassem pelo local mesmo em dias em que o terreiro não estava aberto ao público, que pudessem conversar com os frequentadores e com os médiuns. Assim, nesse espaço, a presença de pesquisadores e de psicólogos sempre foi compreendida como natural (Scorsolini-Comin, Macedo, & Bairrão, 2022).

O pai de santo considerava que a universidade poderia trazer muitos conhecimentos para aquele espaço, explicando, por exemplo, como ocorriam os fenômenos mediúnicos. Mas, ao mesmo tempo, considerava que o terreiro poderia funcionar como um espaço de aprendizado, ou seja, ensinando a esses pesquisadores sobre determinados aspectos da umbanda e da espiritualidade que estivessem dispostos a conhecer. Foi nessa perspectiva que Toninho participou de diversos estudos, como dissertações de mestrado e teses de doutorado, sempre partilhando a sua experiência e valorizando as investigações conduzidas naquele contexto de referência (Scorsolini-Comin & Macedo, 2021).

O duplo movimento que se dava, portanto, era o de que os pesquisadores poderiam ensinar sobre o que pesquisavam, em uma perspectiva próxima à chamada Psicologia científica, mas que, sobretudo, o terreiro era um espaço de conhecimento, podendo ensinar a quem se interessasse. Assim, situa o terreiro não apenas como um *locus* de pesquisa, um espaço a ser pesquisado, mas como um lugar de produção do conhecimento, a exemplo da universidade, em uma metáfora presente na literatura científica (Macedo, 2015; Scorsolini-Comin, 2022; Scorsolini-Comin & Macedo, 2021). Ao se posicionar como um espaço que produz conhecimentos que podem ser legitimados pela comunidade, o terreiro também nos permite uma leitura decolonial, subvertendo a lógica colonizadora e exploradora que, muitas vezes, atravessa o fazer científico, permitindo que o campo, por si mesmo, produza, conduza e ilumine a pesquisa e o pesquisar, valorizando sua comunidade e seus personagens.

A escolha desse terreiro específico justifica-se pela experiência anterior do autor com pesquisas e atendimentos nessa comunidade, bem como autorização do responsável pela instituição, o pai de santo Toninho, para a realização dos estudos e intervenções (Scorsolini-Comin & Macedo, 2021), aspecto esse que será especialmente tensionado no presente ensaio. A possibilidade de construção de um serviço de apoio psicológico nesse contexto, com suporte para a sua manutenção ao longo do tempo, permitiu não uma experiência pontual, mas a estruturação de um serviço perene, disponibilizado entre os anos de 2013 a 2018.

A inserção do pesquisador na comunidade ocorreu a partir de 2012, de modo que já foram realizados alguns estudos nesse contexto e tendo esse terreiro especificamente como cenário para a coleta dos dados. Em uma perspectiva etnopsicológica que destaca a importância da pesquisa participante e do envolvimento ativo do pesquisador no campo (Uzzell & Barnett, 2010), há que se considerar que o presente estudo representa uma continuação de investigações anteriores já realizadas, contando com a colaboração de diversos adeptos dessa comunidade. Nesse sentido, há que se destacar a existência da aceitação prévia do terreiro em relação aos atendimentos psicológicos, a disponibilidade de espaço reservado para os atendimentos, bem como demanda de atenção psicológica por parte dos médiuns da Casa e adeptos que frequentam o terreiro.

O contexto de início dos atendimentos psicoterápicos nesse espaço considerou a possibilidade de que os clientes pudessem ser atendidos sem a necessidade de prévio agendamento e considerando a sua presença nessa comunidade pela busca dos atendimentos mediúnicos. Além disso, considerou-se a possibilidade de que os atendimentos fossem realizados na modalidade breve, a fim de que questões mais emergentes fossem trabalhadas em acolhimento e posteriormente encaminhadas a serviços que pudessem fazer um acompanhamento mais longitudinal dessas demandas. Assim, optou-se pelo modelo do plantão psicológico,

que não se limitaria a apenas um único atendimento, mas podendo se estender a outras sessões caso houvesse a necessidade de compreensão para posterior encaminhamento ou resolução da questão disparadora da busca por atendimento.

O plantão psicológico nessa comunidade foi organizado em uma sala da casa do pai de santo, espaço este no qual as médiuns e demais trabalhadoras utilizavam como vestiário no dia das giras. Enquanto os trabalhos ocorriam, os atendimentos se davam nesse espaço que contava com poltrona e sofá, sendo um reservado, naquele período, para que os atendimentos pudessem ocorrer com conforto e segurança. Os atendimentos em plantão ocorriam das 20 às 22h, sendo que, a cada dia, duas pessoas podiam ser atendidas. As giras ocorriam das 19h30 às 22h30, de modo que o vestiário não inviabilizava o compartilhamento do espaço para a realização dos atendimentos (Scorsolini-Comin, 2014a, 2014b).

O método empregado nesta investigação foi o estudo de casos múltiplos, que busca compreender fenômenos sociais complexos em profundidade e em seu contexto de mundo real, ou seja, orientado por três condições básicas: investigação em profundidade, avaliação longitudinal e aspectos contextuais (Yin, 2015). O método do estudo de caso foi desenvolvido tendo como norteador o aporte da etnopsicologia (Laplantine, 1994), especificamente a partir dos estudos sobre a clínica etnopsicológica (Neubern, 2013; Ribeiro, 2007, 2016; Scorsolini-Comin, 2023a, 2023b).

Em relação às exigências éticas para as pesquisas envolvendo seres humanos, este estudo foi aprovado inicialmente pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Protocolo 2011/2164), tendo como referência a Resolução nº 466 de 12/12/2012 (Brasil, 2012) do Conselho Nacional de Saúde e, posteriormente, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CAAE 88314518.8.0000.5393), tendo como norte a Resolução nº 510, de 17/04/2016 (Brasil, 2016), do Conselho Nacional de Saúde, que trata das especificidades das pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais. As particularidades dos estudos realizados em comunidades religiosas a partir da Resolução nº 510/2016 (Brasil, 2016) seguem as recomendações de Scorsolini-Comin, Bairrão e Santos (2017).

Quem abre a clínica etnopsicológica

O primeiro elemento discutido neste estudo é o que se refere, justamente, ao início da clínica etnopsicológica no presente contexto. A criação desse serviço de atendimentos aos médiuns e à comunidade frequentadora do terreiro começa com uma figura essencial, que é o pai de santo. Assim, entre as condições para a construção dessa clínica etnopsicológica destaca-se, primeiramente, o incentivo e atuação direta do pai de santo, divulgando a existência do serviço e promovendo encaminhamentos informais para os atendimentos a partir do seu contato próximo com a comunidade.

Como referido anteriormente, o pai de santo sempre teve uma postura de receptividade com os pesquisadores e psicólogos interessados na umbanda, recebendo-os de modo acolhedor e caloroso, também interessado pelos temas das pesquisas desenvolvidas. O contato do pai de santo com esses pesquisadores sempre foi informal, respeitoso e marcado pela colaboração. A respeito dessas temáticas, sempre tinha algo a relatar, a contribuir, a falar sobre o assunto. Mesmo que o método do estudo não envolvesse uma entrevista formal com o pai de santo, a coleta de dados passava, inequivocamente, pela sua participação, pelos seus conselhos em relação ao treinamento do olhar e do corpo para a pesquisa de campo e, principalmente, pelos seus saberes sobre a umbanda acumulados ao longo de toda a sua vida e da sua experiência como líder religioso. Mesmo não sendo um sujeito focal no estudo, tratava-se de um personagem central.

Nessa comunidade, há que se considerar que o papel do pai de santo extrapola a sua influência no espaço ritual: sentado em frente à sua casa, onde também funciona o terreiro, o pai de santo conversa com as mais diversas figuras dessa comunidade, quer sejam frequentadoras do terreiro ou não. O pai de santo é uma figura que goza do respeito e da reverência da comunidade, o que se dá não apenas pelo seu papel de líder religioso, mas, sobretudo, por ser um tradicional personagem do bairro, por residir naquele território há muitos anos e sustentar importantes e afetuosas relações interpessoais com os moradores. Assim, pode-se dizer que o pai de santo conhece a comunidade para além do espaço ritual. É frequente encontrá-lo sentado em frente à casa conversando com os vizinhos e com as pessoas que por ali passam.

Com essa influência, o pai de santo passou a divulgar os atendimentos psicológicos realizados no terreiro. Cotidianamente ele era procurado para oferecer conselhos e conversar com diversas pessoas, frequentadoras ou não do terreiro. Nessas ocasiões, além de oferecer uma escuta atenta às mais diversas demandas, fazia alguns encaminhamentos, por exemplo, às consultas mediúnicas realizadas no terreiro, a um passe espiritual, a um trabalho de cura e, após a instalação da clínica etnopsicológica, à psicoterapia.

Em sua gramática, construída a partir das etnoteorias presentes nesse território material e imaterial, associava determinadas queixas a demandas espirituais que deveriam/poderiam ser acompanhadas no terreiro ou, ainda, a aspectos que seriam melhor encaminhados em um atendimento psicológico. É importante enfatizar que essas redes de apoio eram sugeridas, mas jamais impostas, de modo que o pai de santo era bastante comedido em relação a essas ofertas, partindo da abertura também manifestada por quem buscava a sua ajuda.

É importante, ainda, considerar que a compreensão de Psicologia trazida pelo pai de santo não necessariamente dialoga com os pressupostos científicos desse campo, ou do modo como os profissionais divulgam esses conhecimentos, por exemplo, nos meios sociais. O pai de santo possuía uma determinada compreensão do que seria aquele fazer, do que seriam os atendimentos e de quais demandas poderiam ser acolhidas. Isso se dava, inclusive, a partir do profundo contato com o psicoterapeuta, que também era pesquisador naquele campo e frequentador do terreiro.

Nesse processo, o pai de santo partia de inteligibilidades construídas naquele espaço, por meio de suas referências, dentro de modelos explicativos que escapam, muitas vezes, a tentativas de sistematização desses conhecimentos e de submissão dos mesmos a lógicas ditas científicas. Isso equivale a afirmar que não nos interessa, nessa reflexão, problematizar a pertinência ou não das representações de Psicologia e de psicoterapia circulantes nessa comunidade, mas como a escuta do pai de santo compunha, junto com os atendimentos psicológicos, a clínica etnopsicológica.

Assim, a abertura da clínica etnopsicológica, na experiência aqui narrada, está intimamente ligada ao papel do pai de santo, não apenas em termos dos 'encaminhamentos' realizados, mas do modo como as suas etnoteorias contribuíram para a composição dessa forma de cuidado, autorizando e legitimando a sua existência desse serviço dentro de um terreiro. Aqui explicitamos e definimos o termo 'encaminhamentos' indicando que eles não seguem os critérios e lógicas presentes em um equipamento formal de saúde, por exemplo, mas adotam inteligibilidades que falam de uma determinada escuta, de um determinado acolhimento que, no caso, poderia ser oferecido não apenas nos atendimentos psicológicos realizados naquele espaço, mas também pelo próprio terreiro, reafirmado como um espaço de cuidado. Assim, a clínica etnopsicológica se dava em um espaço já associado ao cuidado e ao acolhimento, reforçando seus compromissos e valores.

Com o passar do tempo, a quase totalidade dos atendimentos realizados, quer em plantão psicológico, quer em psicoterapia, passava, de algum modo, pela figura do pai de santo, quer fazendo uma espécie de encaminhamento, como discutido, ou mesmo incentivando o cuidado em saúde mental. Há que se considerar que, a todo momento, o pai de santo referenciava a integração entre os dois tipos de atendimentos ali oferecidos, o espiritual, nas consultas mediúnicas, e o psicológico, a partir da psicoterapia. Destacava a possibilidade de uma pessoa ser atendida tanto pelos médiuns, nas giras, quanto pelo psicólogo, na clínica. Mencionava que esses atendimentos visavam ao bem-estar do sujeito e não se punham em oposição, mas, justamente, em integração.

A esse respeito é importante recuperar, em paralelo, o modo como muitas entidades, nesse terreiro, acolhiam os consulentes que traziam queixas de saúde. Por diversas vezes, no trabalho de campo, foi possível observar que essas entidades questionavam o consulente, desde o início, se já haviam procurado um 'capa branca' (médico, psicólogo, profissional de saúde), pressupondo, de partida, a necessidade da integralidade e a não fragmentação do sujeito. Assim, todas as recomendações espirituais não se colocariam em oposição ao saber formal em saúde, mas em uma lógica de complementaridade. Esse processo não é exclusivo do terreiro em tela, sendo observado também em outros terreiros de umbanda (Montero, 1985; Silva & Scorsolini-Comin, 2020).

Assim, essa é uma característica fortemente presente na umbanda e que ecoa na presente experiência: o pai de santo, portanto, compreendia que o cuidado deveria ser integral, permitindo a esse sujeito em sofrimento a congruência entre as diferentes formas de buscar o bem-estar, quer a partir da reverência à sua espiritualidade, buscando os tratamentos espirituais, quer buscando apoio psicológico – apoio este que não confrontaria os saberes tradicionais e as etnoteorias corporificadas pelo sujeito e por sua comunidade de referência. Com isso, sustentamos que a primeira condição para a construção e consolidação da clínica etnopsicológica, no presente caso, partiu do reconhecimento, do apoio e da validação do pai de santo, em uma postura colaborativa para o acolhimento em saúde mental nessa comunidade. A seguir, discutiremos, mais detidamente, uma segunda condição para a composição dessa clínica.

Se estamos aqui, é porque as entidades permitiram

Nesta seção, discute-se de que modo a autorização e a legitimação do apoio psicológico, na clínica etnopsicológica, não deve estar atenta apenas aos elementos materiais para a construção do *setting*, por exemplo, mas permitindo a escuta das etnoteorias circulantes. A vinheta em apreço ocorreu no início do atendimento a um jovem adulto que atuava como médium no terreiro em foco. Logo no início e antes da reserva da sala para os atendimentos psicológicos que se davam fora das giras, em dias e horários em que o terreiro não estava aberto ao público, o *setting* foi composto no espaço em que os rituais se realizavam. Para tanto, aproveitavam-se os bancos nos quais os consulentes se sentavam para o atendimento mediúnico, transformando-os em um elemento a compor o *setting* terapêutico nos atendimentos psicológicos.

Em um dos primeiros atendimentos realizados nesse espaço, o jovem médium citado foi atendido e comentou que seria bom falar sobre si e as suas dificuldades estando em um ambiente seguro e onde ele se sentiria mais à vontade (Scorsolini-Comin, 2015a, 2015b). Aqui é importante considerar que a referência para considerar o espaço seguro, por parte do cliente, não era a mesma com a qual o psicoterapeuta se preocupava, por exemplo, cuidando para que o ambiente estivesse isolado, que ninguém pudesse ouvir a conversa e garantindo o conforto emocional do cliente, em atenção aos aspectos éticos para a oferta desse apoio psicológico.

Para o cliente, que frequentava aquele espaço durante os rituais, a possibilidade de ser atendimento por um psicólogo naquele mesmo território era como uma expansão dos sentidos de pertencimento, acolhimento e segurança promovidos quando estava, por exemplo, nas giras. O espaço do terreiro, ainda que não estivesse abrigando um ritual durante os atendimentos psicológicos, continuava a ser sagrado, produzindo os mesmos efeitos de sentido de quando o cliente, à noite, apresentava-se para atuar como médium ali. Promovia, desse modo, uma espécie de indistinção entre aqueles dois momentos, o ritual e o do atendimento psicológico, sendo a psicoterapia uma continuidade de algo que já ocorria ali anteriormente. Tratava-se de habitar aquele mesmo território em duas situações distintas, mas que, para ele, estariam integradas, não fazendo sentido pensar o terreiro-clínica de modo diferente do que se pensava o terreiro-ritual.

Reafirma-se, aqui, conforme já discutido, a significação do terreiro como espaço de cuidado, aqui em uma dobra entre o cuidado religioso-espiritual e o de natureza psicológica. Essa distinção, no entanto, não faria qualquer sentido para o cliente, pois integrava essas experiências de cuidado em um só corpo, em só espaço, em um só sujeito. Isso não significa que o cliente não soubesse do que se tratava a psicoterapia e quais as técnicas ali utilizadas, mas que a aproximação dessa escuta psicológica daquela realizada no terreiro, nos atendimentos mediúnicos, por exemplo, contribuiria para um sentido de continuidade do sujeito, como se ele não precisasse fragmentar o modo de ser ouvido, de ser acolhido, de ser cuidado. A clínica etnopsicológica, aqui, colocava-se em profundo diálogo com os atendimentos mediúnicos, ainda que resguardasse, o tempo todo, a sua ancoragem em um fazer construído cientificamente. Essa consideração, no entanto, não produzia o afastamento, mas, sobretudo, a proximidade dessas duas escutas.

Mas, voltemos ao modo como o cliente se mostrava afetado naquele espaço de cuidado. O que se dava, em sua percepção, era um atendimento psicoterápico no espaço sagrado, de modo que a terapia não seria um momento diferente, apartado daquele sagrado enunciado a partir das paredes contendo quadros e ilustrações de orixás e santos, bem como o 'congá' (altar) em que diversas entidades cultuadas na Casa estavam representadas e destacadas, como podemos observar na Figura 1.

Ao chegar aos atendimentos, o cliente passava por esse congá e prestava as devidas reverências às entidades cultuadas no terreiro, fazendo o gesto conhecido como 'bater a cabeça', que envolve, literalmente, o leve toque da cabeça no 'congá', em sinal de respeito e de devoção pelas entidades e pelo sagrado daquele território. Ao prestar essa reverência, sempre comentava com o psicoterapeuta algo em relação às entidades. Esses comentários diziam respeito ao modo como o espaço era diferente naquele dia em que os rituais não estavam sendo realizados, em comparação com os dias das giras, em que muitas pessoas passam pelo 'congá'. Nos dias da psicoterapia, imperava nesse território o silêncio, haja vista que apenas cliente e psicoterapeuta passavam por aquele lugar para a realização dos atendimentos, em um claro contraste com o movimento nos dias das giras.

Esse silêncio também possibilitava um novo modo de olhar para aquele espaço sagrado, ritual. Quais sentidos seriam possíveis a partir daquele silêncio, a partir daquele espaço menos iluminado do que o usual? De que modo aqueles sentidos também enunciavam que a psicoterapia seria um fazer distinto dos atendimentos mediúnicos, ainda que comungassem do mesmo espaço? Essas percepções visuais e auditivas contribuíam para a construção do *setting*, não sendo apenas verbalizadas nos atendimentos, mas também compondo um modo de se pensar e de se sentir a clínica etnopsicológica.

Figura 1. Foto do ‘congá’ (altar) do terreiro em que o estudo foi realizado.

Podemos pensar, aqui, que tanto esse espaço já enuncia o sagrado, literalmente, como o traz para o cenário do atendimento, daquilo que é narrado pelo sujeito durante a consulta. Foi desse modo que esse cliente mencionou que os atendimentos psicológicos estariam ocorrendo ali por permissão das entidades. Essa permissão também ocorria em relação ao próprio cliente, como se essas entidades consentissem, autorizassem e recomendassem que ele fosse acompanhado em psicoterapia. O sagrado, nesse sentido, ocupa um duplo lugar: o que autoriza, permitindo que os atendimentos ocorram, de fato, e o que os recomendam, no caso específico do cliente dessa vinheta. Nesse duplo posicionamento, o espaço sagrado ocupa uma posição semelhante a de quem faria um encaminhamento, recomendando o atendimento psicoterápico como possibilidade de apoio e de acolhimento em um dado momento.

A escuta do psicoterapeuta em relação a essa ‘permissão’, a essa ‘autorização’ é fundamental. Trata-se, a partir das etnoteorias ali presentes, de uma legitimação do fazer etnopsicológico, do reconhecimento da sua importância, do seu lugar, do seu tempo. As etnoteorias em audição a partir da menção à autorização das entidades fortalecem os sentidos de acolhimento, de presença, de fortalecimento de redes de apoio, de uma potência desse espaço institucional para o cuidado em saúde mental. Assim, o psicoterapeuta, em uma escuta etnopsicológica, não precisa questionar se essa ‘autorização’ de ordem espiritual deveria ou não ocorrer, mas, simplesmente, acolher a sua corporificação como um elemento que marca a abertura para o seu fazer, legitimando-o do ponto de vista etnopsicológico.

Essa autorização/legitimação permite a complementaridade entre o fazer espiritual e o etnopsicológico. Essa complementaridade, no entanto, não pode ser confundida como uma concordância irrestrita ou mesmo com uma indistinção em termos técnicos. É importante enfatizar que essa postura não equivale à necessidade de a psicoterapia não possibilitar reflexões que, porventura, apresentem-se em conflito com questões de ordem religiosa-espiritual, por exemplo. A psicoterapia não se coloca como um fazer responsável por legitimar dogmas ou determinadas posições religiosas-espirituais, mas se coloca a serviço da reflexão a partir do sujeito. É legítimo,

pois, nesse espaço, questionar, problematizar, tensionar – inclusive aspectos religiosos-espirituais, segundo as demandas do cliente. O que se reforça, aqui, não é a necessidade de concordância do fazer etnopsicológico com quaisquer religiosidades/espiritualidades/ancestralidades, mas à sua abertura constante para a escuta dessas dimensões, aspecto este considerado central na vinheta aqui recuperada.

Agradecimento

O Estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Bolsa Produtividade em Pesquisa, PQ2, Processo 306832/2020-8).

Considerações finais

Trabalhou-se, no presente relato, com a categoria de abertura de caminhos, pressupondo que determinadas condições permitiram a construção e a consolidação da oferta de apoio psicológico utilizando a estrutura do terreiro e voltado a médiuns e a frequentadores desse espaço ritual. Entre essas condições, destaca-se o incentivo e atuação direta do pai de santo, divulgando a existência do serviço e promovendo encaminhamentos informais para os atendimentos a partir do seu contato próximo com a comunidade, além das menções, trazidas pelos clientes atendidos, a respeito da permissão das entidades daquele local sagrado, consentindo com o apoio psicológico lá realizado. Essas condições são tensionadas como categorias nativas, pressupondo a necessidade de escutá-las e endereçá-las no acontecer da clínica etnopsicológica.

Essas categorias nativas devem ser escutadas a partir de cada contexto. Assim, as recomendações que tomam por base o cenário analisado no presente estudo referem-se, exclusivamente, a esse campo de referências e de experiências. É importante que o fazer etnopsicológico seja suficientemente sensível para capturar e corporificar as categorias nativas que emergem em cada momento e em cada território, material ou imaterial. Refletir sobre essas categorias pode permitir não apenas o combate ao etnocentrismo que ronda o fazer psicológico ocidentalizado, mas a produção de modos inovadores de contato, de aproximação, de acolhimento e de produção de saúde mental. As recomendações aqui presentes, atentas a esses marcadores, podem e devem contribuir para o fortalecimento da clínica etnopsicológica.

Referências

Angerami, V. A. (2020). *E a Psicologia entrou no hospital*. Belo Horizonte, MG: Artesã.

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e revoga as Resoluções CNS nos. 196/96, 303/2000 e 404/2008*. Brasília, DF. Recuperado de https://www.inca.gov.br/publicacoes/legislacao/resolucao-cns-466-12

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Extraordinária, realizada nos dias 06 e 07 de abril de 2016, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei n o 8.080, de 19 de setembro de 1990, pela Lei n o 8.142, de 28 de dezembro de 1990, pelo Decreto n o 5.839, de 11 de julho de 2006*. Brasília, DF. Recuperado de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html

Coelho, M. T. A. D. (2018). Etnopsicanálise: antecedentes e trabalhos atuais no Brasil. In D. B. O. A. Godoy, & J. F. M. H. Bairrão (Orgs.), *Etnopsicologia brasileira: mosaico e aplicações* (p. 5-9). São Paulo, SP: Terceira Margem.

Laplantine, F. (1994). *Aprender etnopsiquiatria* (R. A. Vasques, Trad.). São Paulo, SP: Brasiliense.

Macedo, A. C. (2015). *Encruzilhadas da interpretação na umbanda* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Recuperado de https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-30032016-144127/pt-br.php

Montero, P. (1985). *Da doença à desordem: a magia na umbanda*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.

Neubern, M. S. (2013). O que significa acolher a espiritualidade do outro? Considerações de uma clínica Ethnopsy. In M. H. Freitas, G. J. Paiva, & C. Moraes (Orgs.), *Psicologia da religião no mundo contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade - Volume II* (p. 145-184). Brasília, DF: EdUCB.

Ribeiro, R. I. (2007). Aconselhamento por meio do Oráculo de Ifá: um enfoque etnopsicológico. In M. Ancona-Lopez, & I. G. Arcuri (Orgs.), *Temas em Psicologia da Religião* (p. 283-308). São Paulo, SP: Vetor.

Ribeiro, R. I. (2016). Por uma psicoterapia inspirada na sabedoria iorubá. In Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, *Na fronteira da psicologia com os saberes tradicionais: práticas e técnicas* (Vol. 2, p. 149-155). São Paulo, SP: CRP-SP.

Scorsolini-Comin, F. (2014a). Plantão psicológico centrado na pessoa: Intervenção etnopsicológica em terreiro de umbanda. *Temas em Psicologia, 22*(4), 885-899. DOI: https://doi.org/10.9788/TP2014.4-16

Scorsolini-Comin, F. (2014b). Atenção psicológica e umbanda: experiência de cuidado e acolhimento em saúde mental. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 14*(3), 773-794. DOI: https://doi.org/10.12957/epp.2014.13882

Scorsolini-Comin, F. (2015a). Elementos do aconselhamento multicultural aplicados à psicoterapia em contexto etnopsicológico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 15*(2), 587-607. DOI: https://doi.org/10.12957/epp.2015.17660

Scorsolini-Comin, F. (2015b). Um toco e um divã: reflexões sobre a espiritualidade na clínica etnopsicológica. *Contextos Clínicos, 8*(2), 114-127. DOI: https://doi.org/10.4013/ctc.2015.82.01

Scorsolini-Comin, F. (2017). Espiritualidade e brasilidade na clínica etnopsicológica. *Psicologia Clínica, 29*(2), 319-338.

Scorsolini-Comin, F. (2022). A cigana e a universidade. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista De Antropologia 7*(1), e181355. DOI: https://doi.org/10.11606/ISSN.2525-3123.GIS.2022.181355

Scorsolini-Comin, F. (2023a). *O divã de alfazema: ensaio sobre a clínica etnopsicológica*. São Paulo, SP: Ambigrama.

Scorsolini-Comin, F. (2023b). Escuta é perfume: por uma clínica etnopsicológica. In F. Scorsolini-Comin, & J. F. M. H. Bairrão (Orgs.), *Etnopsicologia e Saúde* (p. 55-78). São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

Scorsolini-Comin, F., & Bairrão, J. F. M. H. (2023). A etnopsicologia e a sua tessitura na pós-graduação brasileira contemporânea. In F. Scorsolini-Comin, & J. F. M. H. Bairrão (Orgs.), *Etnopsicologia e saúde* (p. 7-14). São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

Scorsolini-Comin, F., & Macedo, A. C. (2021). O terreiro e a universidade: estudo de caso etnopsicológico em um terreiro de Umbanda de Ribeirão Preto - SP, Brasil. *Diálogos, 25*(3), 202-226. DOI: https://doi.org/10.4025/dialogos.v2 5i3.60114

Scorsolini-Comin, F., Bairrão, J. F. M. H., & Santos, M. A. (2017). Com a licença de Oxalá: a ética na pesquisa etnopsicológica em comunidades religiosas. *Revista da SPAGESP, 18*(2), 86-99.

Scorsolini-Comin, F., Macedo, A. C., & Bairrão, J. F. M. H. (2022). O campo que habito: notas sobre pesquisa etnopsicológica na umbanda. In C. M. Corradi-Webster, C. Guanaes-Lorenzi, F. C. Barbosa, L. C. S. Elias, & S. R. Pasian (Orgs.), *Comportamento humano em diferentes vertentes: estudos contemporâneos* (p. 365-385). São Carlos, SP; Pedro & João Editores.

Silva, L. M. F., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Na sala de espera do terreiro: uma investigação com adeptos da umbanda com queixas de adoecimento. *Saúde e Sociedade, 29*(1), e190378. DOI: https://doi.org/10.1590/s0104-12902020190378

Uzzell, D., & Barnett, J. (2010). Pesquisa etnográfica e pesquisa-ação. In G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw, J. A. Smith, F. R. Elizalde, & V. Geraldi Hasse (Eds.), *Métodos de pesquisa em Psicologia* (p. 302-320). Porto Alegre, RS: Artmed.

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre, RS: Bookman.